

Quem tem medo das marcas do colonialismo no espaço público?

Vasco Araújo quis filmar no Portugal dos Pequenitos para uma leitura crítica da História colonial é ali apresentada, mas o seu pedido foi indeferido. É um sinal de que não lidamos bem com a nossa memória colectiva? Percurso por esse e outros lugares da iconografia do império colonial

Património
Joana Gorjão Henriques

À entrada estão estátuas enormes a representar homens negros, com cabelo e lábios pintados de vermelho berrante, feições exageradas. Num pilar estão esculpidas máscaras africanas, frutos tropicais e macacos. Há ainda mulheres semi-nuas.

A imagem de Portugal imperialista, que deu “mundos ao mundo”, é reforçada a cada passo nas lápides que existem espalhadas pelos pavilhões do Portugal dos Pequenitos, um parque temático inaugurado em 1940 em Coimbra, desenhado pelo arquitecto Cassiano Branco e gerido pela Fundação Bissaya Barreto.

Numa das lápides está inscrito que “os portugueses foram, entre os europeus, os pioneiros dos descobrimentos geográficos e da abertura do mundo, desbloqueando a comunicação entre as civilizações da terra e permitindo o contacto das culturas nos cinco continentes”. Noutra pla-

ca: “Os descobrimentos e os encontros ultramarinos promovidos pelos portugueses contribuíram para a construção de uma nova imagem do mundo e de uma ideia de diálogo entre o género humano. Unificou-se a história do planeta terra”.

Dividido por cinco zonas, o Portugal dos Pequenitos apresenta-se assim: países de Expressão Portuguesa (as ex-colónias), Portugal monumental, com a reprodução em escala pequena de vários monumentos nacionais, Coimbra, Portugal insular e casas regionais. A linguagem ao estilo de Estado Novo evoca a “portugalidade”, sem fazer qualquer actualização ou enquadramento histórico do que ali está.

É curioso que no *site* nenhum dos pavilhões das ex-colónias africanas apareça fotografado. Há em todo o espaço a ideia de celebração da colonização. Escrevem-se à entrada dos pavilhões frases como: “Assim começou a acção civilizadora dos portugueses em Angola – a nossa maior província do Ultramar”. São

as lápides da época que ainda guiam os visitantes.

Questionar a História

Para quem entra no parque o anacronismo é óbvio. Em Janeiro deste ano, o artista plástico Vasco Araújo, que queria filmar o Portugal dos Pequenitos e dar uma visão crítica desta abordagem da História, enviou uma carta à Fundação Bissaya com pedido de autorização. Juntou-lhe o guião do projecto. O pedido foi recusado, sem justificação.

Face a essa recusa, Delfim Sardo, coordenador do mestrado Estudos Curatoriais, do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, onde está a exposição de Araújo *E daqueles que não queremos saber*, enviou uma carta a fazer o mesmo pedido. “Demoraram um mês a responder”, conta Vasco Araújo. E a resposta foi: “Conforme decisão já comunicada ao artista plástico, (...) o pedido foi indeferido”.

Ainda colocou a hipótese de fazer uma reclamação, mas Vasco Araújo

preferiu incorporar a recusa na exposição. Numa das três salas de *E daqueles que não queremos saber* o vídeo *Parque Temático*, de quase 9 minutos, mostra um ecrã a negro e uma risca vermelha, uma “imagem gráfica da resposta deles, que é uma proibição”, diz o artista. Ouvem-se as vozes e o diálogo, escrito por Vasco Araújo: “Quem sou eu neste local?” Resposta: “És a negação sistemática do outro, és uma decisão furiosa de privar o outro de qualquer atributo de humanidade.”

Na segunda sala há um texto, escrito na parede, onde é explicado o processo. Estão expostas também as cartas de Vasco Araújo e de Delfim Sardo à Fundação, e as respectivas respostas.

Este impedimento mostra “uma instituição que não convive bem com o seu conteúdo”, comenta Vasco Araújo. “Não quer que seja feita uma revisão histórica dos seus conteúdos e por isso bloqueia o que possa pôr em causa aquele espaço que nitidamente é um espaço que está errado



e é um embuste, porque perpetua a ideia de que Portugal continua a ter colónias”, nota. “A proibição vem potenciar este tema e pelos vistos continua a ser uma problemática importante de discutir.”

Sobre o Portugal dos Pequenitos a ideia da sua peça era produzir um olhar crítico. “Somos o país europeu com maior número de anos de relação de dominação com África. Logo, temos uma responsabilidade de fazer *mea culpa*, colocar os conteúdos a céu aberto, dignificar quem nunca foi dignificado, dar voz a essas pessoas. Em vez daquelas esculturas africanas, porque não ter entrevistas a africanos que vivem em Portugal a dizer o que acham sobre aquilo?”, sugere.

Ao PÚBLICO, a fundação justificou a decisão com o facto de o conselho de administração ter decidido suspender, até ao final do ano, o atendimento de pedidos externos por estar a concentrar-se nas obras de expansão e renovação do parque – resposta semelhante à que



A imagem de Portugal imperialista, que deu “mundos ao mundo”, é reforçada a cada passo nas lápides que existem espalhadas pelos pavilhões do Portugal dos Pequenitos, em Coimbra

Os 14 bustos do Jardim Botânico Tropical, em Lisboa, que se espalham pelo jardim são do escultor Manuel de Oliveira

contextualizasse. Mas muitas vezes esses espaços têm “véus a cobri-los por não se falar deles ou se achar que podem ser ‘alindados’ face à contemporaneidade por estarem próximos de nós”, diz. “Há muito essa tentação nos espaços do Estado Novo. E a maior parte das vezes as entidades que os gerem não sabem como lidar com isso. Não há naturalidade na forma como encaramos a nossa memória colectiva mais recente. Há uma ferida colectiva, que todos sentimos, e isso não tem razão de ser: a qualidade dos espaços é independente da entidade do poder que os construiu e geriu.”

A historiadora Filipa Lowndes Vicente, investigadora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa que faz pesquisa sobre cruzamentos entre a cultura visual, material e escrita e o colonialismo, visitou recentemente o Portugal dos Pequenitos e impressionou-a o facto de “não existir um discurso sobre o discurso” naquele parque temático. “Vejo o Portugal dos Pequenitos como um documento histórico. Há objectos africanos misturados com fotografias, estátuas de mulheres negras semi-nuas sem qualquer tipo de legenda. É muito interessante do ponto de vista histórico mas é bastante perturbador se pensarmos naquilo sem o filtro de análise”, comenta. No fundo, “as legendas que existem ao lado dos ‘pavilhões coloniais’ e que foram escritas na altura da sua construção precisariam – também elas – de uma legenda feita no presente que fosse capaz de as contextualizar historicamente”.

Iconografia do império

O Portugal dos Pequenitos está longe de ser o único espaço público que tem inscrito esse imaginário do império colonial. Entremos, então, num percurso por alguma dessa iconografia.

Estamos no Jardim Botânico Tropical, em Lisboa, e é lá que encontramos Vasco Araújo – foi aqui que filmou as estátuas para uma das peças que também está exposta em Coimbra, *O Jardim* (2005).

Criado em 1906, chamava-se *Jardim Colonial*. Segundo a informação oficial, tem 600 espécies de vários continentes, serviu também de pólo durante a *Exposição do Mundo* →



foi dada a outros media na altura da inauguração, no final de Maio. “Não está, nunca esteve em causa a recusa à pessoa do artista Vasco Araújo ou ao seu projecto relativo ao colonialismo ou a outro”, escreve. Diz que já no passado a fundação emprestou ao artista “obras de pintura da sua colecção”. Lembra ainda o acesso dado ao programa *Visita Guiada* de Paula Moura Pinheiro, emitido na RTP2 em 2015, onde se problematizava a representação do colonialismo, sinal da sua “abertura” a outras visões críticas. A fundação diz também que irá apresentar novas formas de comunicação da informação.

Actualmente, a narrativa do Portugal dos Pequenitos alinha na imagem idílica de Portugal e muito do que é representado está ligado aos símbolos da nação no momento em que é construído, os anos 1940, sublinha José António Bandeirinha, arquitecto que estudou o parque. Defende que qualquer monumento deveria ter informação que o

Português (1940) – os 14 bustos de rostos africanos e asiáticos que se espalham pelo jardim à entrada de alguns pavilhões agora abandonados são do escultor Manuel de Oliveira.

O dia está quente e os pássaros cantam entre palmeiras. Vasco Araújo, que filmou os bustos em grande plano, explica que lhe interessa trabalhar como artista “a relação com o outro”. “Nós, seres humanos, ocidentais, eurocêntricos, imperialistas continuamos a ter uma má relação com o outro, de não respeito”, afirma. “Há a relação de exotismo que traz um sentimento de atracção e repulsa – desejo e medo porque não reconhecemos. A partir daí geram-se racimos, também alimentados por estes exotismos.”

O Jardim Botânico é um “museu” resultado da ciência colonial porque foi o laboratório das espécies que faziam parte da flora das ex-colónias, lembra Elsa Peralta, antropóloga. Preserva essa simbologia porque nunca foi desconstruída, continua. Não é caso único em Lisboa. Por exemplo, o Príncipe Real “está cheio de espécies exóticas”. E há os jacarandás, “metáfora e paradigma da forma como o império está tão presente e inerte na paisagem” portuguesa.

Elsa Peralta é actualmente investigadora no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, onde coordena a linha de investigação *Legados do Império e do Colonialismo em Perspectiva Comparada*. Faz a distinção entre o que é a iconografia imperial e colonial porque a partir de determinada altura, nomeadamente da II Guerra Mundial, há a construção semântica do império enquanto legado civilizacional que depois se presta a reformulações. Já o adjetivo colonial é usado para se falar da forma de administração do território e de populações. Esse legado imperial está muito mais concentrado, assim, na capital, pois foi pensado de acordo com a ideia de Lisboa como cidade imperial, capital do império, a metrópole.

Por outro lado, Walter Rossa, arquitecto com formação em história da arte e autor de vários artigos sobre património e urbanismo, lembra que a cidade é um espaço de representação por excelência, num espectro que vai “do Estado aos cidadãos”. Também coordenador do programa de doutoramento de Patrimónios de Influência Portuguesa, da Universidade de Coimbra, diz que é necessário clarificar o que “cada um considera colonialismo”: “O que normalmente salta mais aos olhos, e eventualmente agride algumas consciências, é o colonialismo moderno, clássico, que se estabelece a partir da Conferência de Berlim – para nós é depois da independência do Brasil e a partir da construção do império africano”.

No seu espaço público e no seu imaginário, analisa, “Portugal tem



Walter Rossa fala de “um património negativo português”. Portugal não reescreve as narrativas da sua história e não discute os seus maiores tabus

muito mais a representação do período dos Descobrimentos e da Expansão do que depois a questão africana do colonialismo mais duro. Esse acabou por ficar mais claramente vincado em Lisboa como sede do império.” Mas de qualquer forma “Portugal foi o primeiro a entrar em África e o último a sair, o que faz com que as representações no espaço público sejam imensas e se confundam”.

De Belém à Expo 98

Em Lisboa há várias centralidades, observa Elsa Peralta, que organizou, com Nuno Domingos, a obra *Cidade e Império: Dinâmicas coloniais e reconfigurações pós-coloniais* (Edições 70). E é possível fazer uma simetria entre a zona de Belém/Restelo, e a zona de Expo. Assim, então, no mapa: o Forte do Bom Sucesso e monumento aos combatentes de guerra do Ultramar, o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém, o Padrão dos Descobrimentos, o Museu de Arte Popular, a Praça do Império, o Museu de Etnologia, o Museu da Marinha, o Museu do Oriente (mais recente), a Sociedade de Geografia, o Museu

Militar, e, mais a oriente, o Parque das Nações. A zona de Belém, como a conhecemos, é o resultado da Exposição do Mundo Português. Até hoje mantêm-se os brasões das ex-colónias no jardim da Praça do Império (há um concurso feito pela autarquia para os retirar devido ao custo da sua manutenção).

Como lembra Walter Rossa, o Padrão dos Descobrimentos é dos “descobrimentos”, portanto há “a nuance” da “era áurea” dos descobrimentos portugueses, “que no caso português se aglutina com a questão colonial”. Define o Mosteiro dos Jerónimos como o primeiro grande monumento aos Descobrimentos e ao colonialismo: funcionava como o último ponto de largada das naus, e muitas vezes ali se celebrava a última missa antes da partida. D. Manuel escolhe-o como espaço simbólico para panteão da monarquia, no qual se mostra toda a lógica imperial. “Isso é reafirmado pelo Estado Novo na década de 1940.”

O Estado Novo reafirma o espírito do lugar com a construção da Praça do Império – “chama-se Praça do Império, e nem o pós 25 de Abril conseguiu mudar a toponímia, tão forte”,

nota o arquitecto. Mas de todos, o principal espaço de representação do colonialismo português é, para Walter Rossa, a Praça do Comércio. “Lisboa tem várias tentativas de monumentalização desde o século XVI, e o terramoto acaba por permitir essa monumentalização da escala e de abertura; é uma praça aberta ao rio e ao império, com toda a retórica implícita da grande nação em que Portugal se tinha em conta”.

As marcas em Lisboa nem sempre se traduzem em monumentos. Há o caso do “bairro das colónias”: quem circular na Avenida Almirante Reis verá uma placa a indicar a direcção com esse mesmo nome. Depois há a estatuária com figuras históricas como Pedro Álvares Cabral, na Estrela, ou zonas que conservam nomes como Poço dos Negros, Rua das Pretas ou evocam o passado como a Avenida de Ceuta.

Elsa Peralta indica, no Porto, o recém inaugurado parque temático The World of Discoveries. Aqui entra-se num barco para percorrer um circuito cheio de reproduções de espécies animais e nativos representados de forma primitiva, veiculando também a ideia da “bondade



DANIEL ROCHA



FERNANDO VELUDO/NAFACOS



ENRIC VIVES-RUBIO

Vasco Araújo no Jardim Botânico Tropical, onde filmou as estátuas para uma das peças que também está exposta em Coimbra. O parque temático The World of Discoveries, no Porto, e a Praça do Império, em Lisboa

do império português”. “O projecto colonial envolveu violência sobre populações que não podem ser representados como objectos exóticos”, critica a antropóloga.

Numa outra tónica, refere a Expo 1998, “a cartada final”, que “naturaliza completamente este passado a partir de linguagens de cosmopolitismo que ninguém discute”. Ou seja, “ninguém discute que é preciso preservar os oceanos, os Jerónimos, objectos que são, por natureza, ‘bons’. Há um investimento público feito a partir da ideia de os portugueses terem ido por aí fora como aventureiros. Essa é uma história da carochinha apelativa. A forma como é veiculada, reproduzida e depois recebida é discutível. E a Expo 98 vai actualizar essa épica a partir de uma outra, a dos oceanos, do encontro cultural. No fundo não varia, é o luso-tropicalismo do Gilberto Freyre e a forma como foi reproduzido pelo Estado Novo para justificar que tínhamos províncias ultramarinas e não colónias.”

Como contraponto a esta narrativa do império, não há monumentos a personalidades africanas, por exemplo, ou museus e edifícios que

evoquem a história colonial de outra forma, com outro olhar. “Não é por acaso que ainda não há um Museu das Descobertas em Portugal”, um tema complexo de abordar, lembra Elsa Peralta. “Assim como não existe um Museu da Escravatura [o recém inaugurado Núcleo da Rota da Escravatura em Lagos não é propriamente um museu]. Mesmo o Museu de Etnologia é muito preso ao objecto e com exposições muito pouco críticas no seu conjunto, acho que não cumpre a sua função social”.

Walter Rossa fala de “uma espécie de património negativo português” que é o facto de Portugal não reescrever facilmente as narrativas da sua história e de não discutir os seus maiores tabus. “As grandes questões da identidade portuguesa levantam sempre problemas. A historiografia tem vindo a fazer muito e muito bem esse trabalho, mas há uma grande dificuldade em fazer passar essa informação actualizada e de forma correcta para os manuais escolares, obras de divulgação, etc.”

São questões que despertam debates fervorosos. Porquê? Há uma primeira resposta: “Portugal ainda não descolonizou do ponto de vista

da imagem – isso já não é novidade nenhuma, já Eduardo Lourenço em 1978 falava destas coisas”, responde Elsa Peralta. “A perplexidade mantém-se, e acho que até se reforçou. A partir de determinada altura, quando Portugal sai do período revolucionário e negocia a entrada na União Europeia, vai-se buscar a imagem do império reformulada, não enquanto império colonial mas enquanto legado civilizacional despojado, branqueado, uma imagem pacificada e limpa do nosso passado. Tudo isso foi posto debaixo do tapete. Há também uma necessidade celebratória muito grande: alguém vai criticar a Expo 98, o Museu do Oriente? Como é que no senso comum está tão vulgarizada esta bondade do projecto imperial?”

E há uma segunda resposta. “Como antropóloga percebo que isto mexe com as pessoas, com os lugares onde se sentem seguras na sua imagem. Portanto pode ser desestabilizador. É preciso ter cuidado porque as coisas têm um valor. Mas acho que temos que nos envolver na denúncia, temos obrigação de contribuir para a construção de outro senso comum”.

O PÚBLICO E A NOS AUDIOVISUAIS

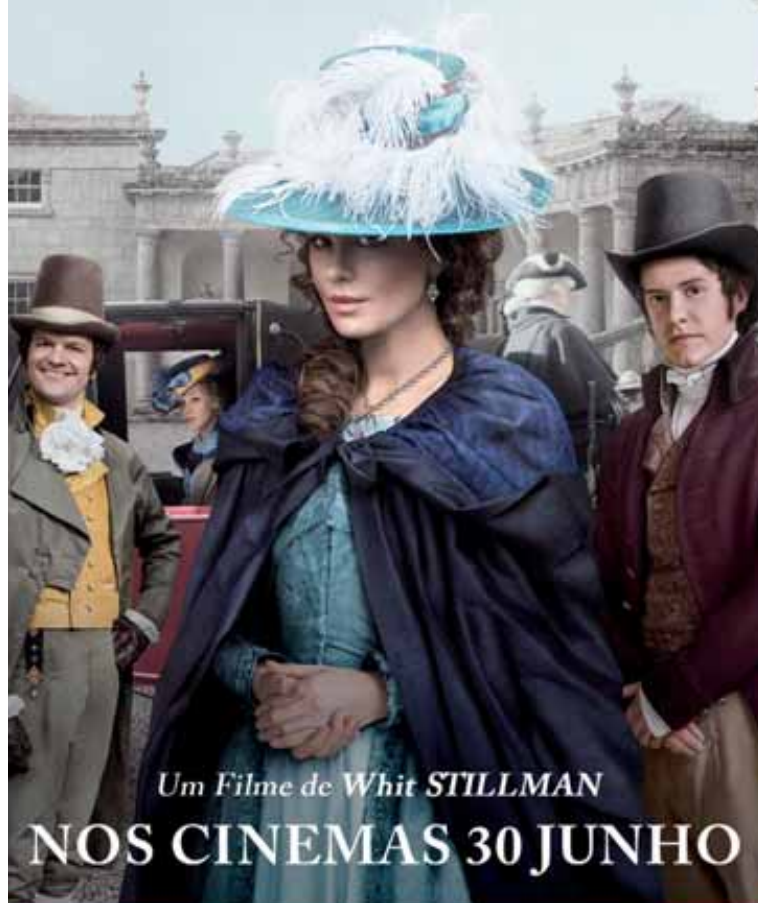
OFERECEM CONVITES DUPLOS

★★★★★
 “DEFINITIVAMENTE HILARIANTE.
 Jane Austen nunca teve tanta piada. Kate Beckinsale acerta em cheio.”
 —Tom Baker, *The Observer*

Kate BECKINSALE / Chloë SEVIGNY

AMOR & AMIZADE

BASEADO NA PÉROLA LITERÁRIA DE JANE AUSTEN



Um Filme de Whit STILLMAN

NOS CINEMAS 30 JUNHO

arte PROTAGONIST PORTUGAL CINEMA Cinemage NI FILM FONDS ifb NOS

QUARTA, 29 DE JUNHO - 21:30h

Assista em primeira mão
 ao filme numa das seguintes salas:

LISBOA CINEMAS NOS AMOREIRAS
 PORTO CINEMAS NOS DOLCE VITA PORTO

Para o conseguir, basta comprar o Público no domingo, 26 de junho, e recortar o cupão que se encontra nas páginas SAIR, podendo desde logo aceder a <http://cincartaz.publico.pt/p/amoreamizade> e reservar um dos 60 convites duplos que estamos a oferecer.

